

CAPÍTULO UM

Holly encostou a camisola de algodão azul de encontro à face e o cheiro familiar feriu-a imediatamente, uma dor devastadora dando-lhe um nó no estômago e partindo-lhe o coração. Picadas subiram-lhe pela nuca e um aperto na garganta ameaçava sufocá-la. O pânico instalou-se. Para além do zumbido baixo do frigorífico e do gemer dos canos, a casa estava em silêncio. Estava sozinha. A bÍlis subiu-lhe à garganta e correu até à casa de banho, onde caiu de joelhos diante da sanita.

Gerry partira e nunca mais iria voltar. A realidade era essa. Ela nunca mais iria deixar correr os seus dedos sobre o suave cabelo dele, nunca mais partilharia uma piada secreta por cima da mesa num jantar de festa, nunca mais iria choramingar quando chegava a casa do trabalho e apenas precisava de um abraço, nunca mais iria partilhar uma cama com ele, nunca mais seria acordada pelos seus ataques de espirros em cada manhã, nunca mais ririam tanto os dois que o estômago acabava por lhe doer, nunca mais poderia discutir com ele de quem era a vez de se levantar para ir desligar a luz do quarto de dormir. Tudo o que restava era um monte de memórias e uma imagem da cara dele que se ia tornando mais vaga cada dia que passava.

O plano deles fora muito simples: ficar juntos para o resto das suas vidas. Um plano que qualquer pessoa do seu círculo concordaria ser praticável. Eles eram amigos íntimos, amantes e almas gémeas destinadas a ficar juntos, pensavam todos. Mas o que aconteceu foi, um dia, o destino invejoso decidir mudar de ideias.

O fim tinha chegado cedo de mais. Depois de se queixar de uma enxaqueca durante alguns dias, Gerry aceitou o conselho de Holly de irem ao médico. Isto aconteceu numa quarta-feira, no intervalo do almoço. Pensavam que seria devido a tensão, ou cansaço, e concordaram que, no pior dos casos, ele estaria a precisar de óculos. Gerry não ficara muito contente com essa hipótese, perturbado com a ideia de vir a precisar de óculos. No entanto, não precisava de se ter preocupado, dado o modo como as coisas aconteceram, porque o problema não tinha que ver com os olhos. Era o tumor que lhe crescia dentro do cérebro.

Holly puxou o autoclismo e, a tremer com o frio do chão de tijoleira, tiritando, endireitou-se e pôs-se de pé. Ele tinha trinta anos. Não era de maneira nenhuma o homem mais saudável da terra, mas era suficientemente saudável para... bom, para viver uma vida normal. Quando já estava muito doente, costumava armar-se em corajoso e brincar, dizendo que não deveria ter vivido a vida com tão poucos riscos. Devia ter tomado drogas, devia ter bebido mais, devia ter viajado mais, devia ter saltado de aviões enquanto depilava as pernas... a lista dele não tinha fim. Oh, ele brincava com isso, mas Holly podia ver-lhe a pena nos olhos. Pena pelas coisas para as quais nunca tinha arranjado tempo, pelos lugares que nunca vira, e tristeza pela perda de futuras experiências. Será que lamentava a vida que tivera com ela? Holly nunca duvidou de que ele a amasse, mas temia que sentisse que havia perdido algum tempo, precioso tempo.

Subitamente, envelhecer tornou-se uma coisa que ele queria alcançar, em vez de sentir isso como uma inevitabilidade temida. Quão presunçosos eram os dois por nunca terem considerado o envelhecimento como um factor de realização e um desafio. Envelhecer fora uma coisa que os dois tanto tinham querido evitar ao máximo.

Holly vagueava de uma divisão para outra enquanto soluçava, chorando gordas lágrimas salgadas. Tinha os olhos vermelhos e doridos e parecia que aquela noite não iria ter fim. Nenhum dos quartos da casa lhe proporcionava qualquer consolo. Apenas silêncios pouco acolhedores, enquanto olhava fixamente para a mobília em volta. Tinha quase esperado que o sofá erguesse os braços para a acolher, mas até ele a ignorou.

Gerry não iria ficar contente com isto, pensou ela. Respirou fundo, secou os olhos e tentou instilar algum bom senso em si mesma. Não, Gerry não ficaria mesmo nada contente.

Os olhos de Holly estavam vermelhos e inchados por ter chorado durante a noite inteira. Como em todas as outras noites, durante essas poucas semanas, caíra num sono irregular às primeiras horas da manhã. Não havia nenhum dia que, ao acordar, não desse por si estendida desconfortavelmente em cima de uma qualquer peça de mobília, hoje tinha sido o sofá. Mais uma vez fora o telefonema de um amigo preocupado ou de um membro da família que a acordara. Provavelmente, pensavam todos que a única coisa que ela fazia era dormir. Onde estavam os telefonemas deles quando ela vagueava letargicamente pela casa como um *zombie* procurando nas divisões por... por o quê? O que é que estava à espera de encontrar?

— Olá — respondeu ensonadamente. Tinha o nariz entupido com tantas lágrimas, mas já há muito que deixara de se preocupar em mostrar um ar corajoso a toda a gente. O seu melhor amigo fora-se embora e ninguém compreendia que nenhuma quantidade de maquiagem, de ar fresco ou de compras lhe poderia encher o vazio no coração.

— Oh, desculpa, querida, acordei-te? — A voz preocupada da mãe atravessou a linha. Sempre a mesma conversa. Todas as manhãs a mãe lhe telefonava para ver se ela tinha sobrevivido à noite sozinha. Sempre com medo de a acordar, mas sempre aliviada por a ouvir respirar; consolada com o facto de saber que a sua filha arrostara com os fantasmas da noite.

— Não, estava só a dormir, não há problema. — Sempre a mesma resposta.

— O teu pai e o Declan saíram e eu estava a pensar em ti, queridinha. — Porque é que aquela voz apaziguadora e cheia de simpatia fazia sempre as lágrimas subirem aos olhos de Holly? Conseguia imaginar a cara apreensiva da mãe, o sobrolho carregado, a testa franzida de preocupação. Verdade seja dita, porém, aquilo não a apaziguava. Fazia-a recordar porque é que eles estavam preocupados e não deveriam estar. Deveria estar tudo normal. Gerry deveria estar ali ao seu lado, a revirar os olhos em direcção ao céu e a tentar fazê-la rir enquanto a mãe continuava a falar. Tantas vezes que Holly tivera de passar o telefone a Gerry, quando o ataque de gargalhadinhas se apoderava dela. Então ele continuava a falar como se nada tivesse acontecido, ignorando Holly que saltava à volta da cama a fazer as caretas mais idiotas, e as danças mais cómicas, só para se vingar dele. Raramente funcionava.

Ela soltou a sua conta de «hums» e «hãs» durante a conversa, es-cutando mas sem ouvir uma palavra.

— Está um dia tão bonito, Holly. Fazia-te muito bem saíres para um passeio. Apanhar um pouco de ar fresco.

— Hum, acho que sim. — Ali estava outra vez a solução para todos os seus problemas.

— Talvez eu apareça por aí mais logo e possamos conversar.

— Não obrigada, mamã, estou bem.

Silêncio.

— Bom, então está bem... telefona-me se mudares de ideias. Estou livre o dia todo.

— Está bem.

Outro silêncio.

— Muito obrigada, apesar de tudo.

— Como queiras, então... tem cuidado contigo.

— Terei. — Holly estava na iminência de colocar o auscultador no sítio quando ouviu a voz da mãe outra vez.

— Oh, Holly, quase me esquecia. Aquele sobrescrito para ti ainda se encontra aqui. Está em cima da mesa da cozinha. Digo isto no caso de queres vir buscá-lo, já cá está há semanas e pode ser importante.

— Duvido muito. Provavelmente é apenas mais um cartão.

— Não, não acho que seja outro cartão, querida. É dirigido a ti e por cima do teu nome diz... oh, espera um bocadinho que vou bus-cá-lo...

O telefone foi pousado, ouviu-se o som de saltos na tijoleira em direcção à mesa, cadeiras a guinchar contra o chão, os passos tornando-se mais altos, o telefone a ser agarrado...

— Ainda aí estás?

— Sim.

— Bom, diz no topo: «A Lista.» Talvez seja do trabalho ou alguma coisa assim, querida. Vale a pena dares-lhe uma...

Holly deixou cair o telefone.

CAPÍTULO DOIS

— Gerry, desliga a luz! — Holly ria-se nervosamente enquanto via o marido a despir-se diante de si. Ele dançava à volta do quarto a fazer *striptease*, desabotoando lentamente a camisa de algodão branco com os seus dedos longos e elegantes. Ergueu a sobranceira esquerda na direcção de Holly e permitiu que a camisa lhe escorregasse dos ombros, apanhou-a com a mão direita e fê-la girar por cima da cabeça.

Holly riu-se outra vez.

— Desligar a luz? O quê? E fazer-te perder tudo isto? — E fazia caretas lascivas enquanto flectia os músculos. Não era um homem vaidoso, mas tinha muito de que se envaidecer, pensou Holly. O seu corpo era forte e bem afinado. As pernas longas eram musculosas em resultado das horas que gastava no ginásio a treinar. Não era um homem muito alto, mas com 1,75 m era suficientemente alto para fazer Holly sentir-se segura quando ele se punha protectoramente ao lado do seu 1,65 m de altura. Mais do que tudo, gostava quando o abraçava, a sua cabeça descansava agradavelmente mesmo debaixo do queixo dele, onde ela podia sentir-lhe a respiração soprando-lhe ligeiramente no cabelo e acariciando-lhe a cabeça.

O coração dela deu um salto quando ele baixou os *boxers*, os apanhou na ponta dos dedos dos pés e os atirou a Holly, fazendo-os aterrar em cheio na cabeça dela.

— Bom, pelo menos fica mais escuro aqui debaixo — riu-se. Ele conseguia sempre fazê-la rir. Quando chegava a casa cansada e irritada

depois do trabalho, ele mostrava-se sempre compreensivo e ouvia-lhe os resmungos. Muito raramente discutiam e, quando isso acontecia, era por causa das pequenas coisas mais estúpidas que depois os faziam rir, como quem tinha deixado a luz do alpendre acesa o dia todo ou quem se esquecera de ligar o despertador à noite. De facto, eram sempre as pequenas discussões que tinham tendência para serem as mais ferozes de todas.

Gerry, acabado o *striptease*, mergulhou na cama. Aconchegou-se ao lado dela, enfiando os pés gelados debaixo das pernas dela para se aquecer.

— Aaaaah! Gerry, estás gelado. — Holly sabia que esta posição significava que ele não tinha intenção de se deslocar um centímetro. — Gerry. — A voz de Holly funcionava como uma espécie de aviso.

— Holly — imitou-a ele.

— Não te esqueceste de qualquer coisa?

— Não que me lembre — respondia descaradamente.

— A luz?

— Ah, sim, a luz — dizia ele ensonado e fingindo risonar alto.

— Gerry!

— Eu tive de me levantar da cama e apagá-la ontem à noite, lembra-te?

— Sim, mas estiveste de pé ao lado do interruptor ainda não há um segundo!

— Sim... há apenas um segundo — repetia ele num tom ensonado outra vez.

Holly suspirava. Odiava ter de sair da cama quando estava bem aconchegada, pôr os pés no chão frio e depois manobrar às voltas na escuridão no caminho de regresso à cama. Fez um som de desagrado.

— Não posso ser eu a fazê-lo sempre, Hol. Um dia destes posso não estar aqui e então o que é que tu vais fazer?

— Conseguir que o meu novo marido o faça. — Holly espirrou, tentando o seu melhor para empurrar para longe os pés gelados dele.

— Ah!

— Ou, então, vou apenas lembrar-me de o fazer eu própria antes de vir para a cama.

Gerry grunhiu.

— Era muita sorte que isso acontecesse, minha querida. Terei de deixar uma mensagem no interruptor para ti, mesmo antes de me ir embora, para que te lembres.

— É muita consideração da tua parte, mas preferia que apenas me deixasses o teu dinheiro.

— E uma nota no aquecedor — continuava ele.

— Hã!

— E na embalagem do leite.

— És um homem muito divertido, Gerry.

— Oh, e nas janelas, para que não as abras e o alarme comece a tocar de manhã.

— Olha lá, então porque é que não me deixas no teu testamento uma lista das coisas que eu tenho de fazer, se pensas que vou ser tão incompetente sem ti?

— Não era má ideia — riu-se ele.

— Ótimo, nesse caso vou apagar a porcaria da luz. — Holly saiu da cama a resmungar, fez uma careta quando pousou os pés no chão gelado e apagou a luz. Levantou os braços na escuridão e lentamente tacteou para encontrar o caminho de regresso à cama.

— Olá?!!! Perdeste-te, Holly? Está aí alguém? — gritava Gerry para o quarto negro.

— Sim, estouuuuuuu! — gemeu ela quando bateu com um dos dedos do pé contra um pé da cama. — Merda, merda, merda, porra, merda, porcaria!

Gerry suspendeu a respiração e riu-se debaixo do edredão.

— Número dois da minha lista: cuidado com os pés da cama...

— Oh, cala-te, Gerry, e deixa de seres tão mórbido — retorquiui-lhe Holly, embalando o pobre pé magoado na mão.

— Queres que lhe dê um beijinho para passar a dor? — perguntou ele.

— Não, não vale a pena — respondeu Holly tristemente. — Se ao menos os pudesse pôr aqui para aquecerem...

— Aaaaah! Meu Deus, estão gelados!!

— Eh, eh, eh — riu-se ela, maliciosa.

Fora assim que a brincadeira sobre a lista aparecera. Era uma ideia simples e pateta, que em breve fora partilhada com os amigos. Sharon e John McCarthy eram os seus amigos mais próximos. Andavam juntos desde os anos da escola e de facto tinha sido John quem se aproximara de Holly nos corredores do liceu quando ela tinha catorze anos e murmurara as famosas palavras: «O meu amigo gostaria de saber se queres sair com ele.»

Depois de semanas de discussões sem fim e de encontros de emergência com as amigas, finalmente Holly lá acabara por concordar.

— Aah, vai lá, Holly — aconselhara Sharon —, ele é tão divertido e pelo menos não tem a cara cheia de borbulhas como o John.

Bom, se Sharon lhe dava luz verde, então estava bem. Como ela invejava Sharon naquele momento. Ela e John tinham-se casado no mesmo ano que Holly e Gerry. Os três tinham vinte e quatro anos, Holly tinha sido a bebé do grupo com vinte e três. Alguns diziam que era nova de mais e a cada oportunidade faziam-lhe sermões sobre como, na idade dela, deveria andar a viajar pelo mundo e a divertir-se. Em vez disso, Gerry e Holly viajaram juntos pelo mundo e divertiram-se. Fazia muito mais sentido para eles estarem juntos porque não eram... bom, Holly sentia exactamente como se lhe faltasse um órgão vital no seu corpo.

O dia do casamento estava longe de ter sido o mais bonito da sua vida. Ela sempre sonhara com um casamento de conto de fadas como a maioria das rapariguinhas, com um vestido de princesa, lindíssimo, um dia de sol, num sítio romântico rodeada por todos os que lhe eram próximos e queridos. Imaginava o copo-d'água como sendo a melhor noite da sua vida, imaginava-se a dançar com todos os amigos, a ser admirada por toda a gente e a sentir-se especial. A realidade foi bastante diferente.

Acordou na casa dos pais aos gritos de «Não consigo encontrar a minha gravata!» (o pai) ou «O meu cabelo está uma bodega» (a mãe) e a melhor de todas foi «Eu pareço uma maldita baleia! De maneira nenhuma vou a este maldito casamento com esta aparência. Vou ficar escarlate! Mãe, olha para o estado em que estou! É melhor que a Holly arranje outra dama de honor porque nem pensar que eu vou assim. De maneira nenhuma! Oi! Jack dá-me outra vez esse maldito secador de cabelo, ainda não acabei». (Aquela inesquecível afirmação fora feita pela irmã mais nova, Ciara, que passava a vida a ter ataques e se recusava a sair de casa com o argumento de que não tinha nada para vestir, apesar de o seu guarda-roupa estar a rebentar de cheio. Actualmente estava a viver num sítio qualquer na Austrália, com gente estranha, e a única comunicação com a família era um *e-mail* que ela enviava de vez em quando.) O resto da manhã fora passado a tentar convencer Ciara de que era a mais bela mulher do mundo, enquanto Holly silenciosamente se vestia sentindo-se uma merda. Ciara finalmente concordou em sair de casa quando o pai de Holly, normalmente muito calmo, gritou no seu tom de voz mais alto para surpresa de toda a gente:

— Ciara, este maldito dia é da Holly, NÃO É TEU! E tu VAIS ao casamento e vais divertir-te. E quando a Holly descer as escadas tu VAIS dizer-lhe como ela está bonita e não quero ouvir nem um pio da tua parte DURANTE O RESTO DO DIA!

Por isso, quando Holly desceu as escadas toda a gente fez oohs e aahhs, enquanto Ciara, que estava com cara de uma menina de dez anos a quem o pai havia ralhado, olhara lacrimosa para ela com um lábio a tremer e dissera: «Estás muito bonita, Holly.» Assim, todos os sete se espremeram para caber dentro da limusina, os pais, três irmãos e Ciara, e sentaram-se num silêncio aterrorizado durante o caminho até à igreja.

O dia todo parecia-lhe agora algo indistinto. Mal teve tempo para falar com Gerry, dado que estavam a ser puxados em direcções opostas para cumprimentar a tia-avó Betty do cu-de-judas, que ela não via desde que havia nascido, e o tio-avô Toby vindo da América, que nunca tinha sido mencionado antes, mas que de repente se tornara um membro da família muito importante.

E também ninguém lhe tinha dito que ia ser tão cansativo. No fim da noite tinha os maxilares doridos de sorrir para as fotografias, e os pés a matá-la por ter andado a correr de um lado para o outro o dia todo em cima de uns sapatinhos idiotas.

Queria desesperadamente juntar-se à grande mesa dos seus amigos que tinham estado a uivar de riso a noite toda, obviamente divertidos. Bom, para alguns a coisa funcionou, pensou ela. Mas assim que Holly pôs o pé na *suite* da lua-de-mel com Gerry, todos os aborrecimentos do dia se evaporaram e pareceu que tudo tinha valido a pena...

Mais uma vez as lágrimas rolaram pelas faces abaixo de Holly e apercebeu-se de que tinha estado outra vez a sonhar acordada durante horas. Estava sentada gelada no sofá com o telefone ainda na mão. Presentemente parecia que o tempo passava sem ela dar por que dia era ou em que mês estava. Era como se estivesse a viver fora do seu corpo, indiferente a tudo, excepto à dor no seu coração, nos ossos, na cabeça. Estava tão cansada... O estômago queixou-se e apercebeu-se de que não se lembrava da última vez em que comera. Teria sido no dia anterior? Não conseguia recordar-se.

Arrastou-se até à cozinha enfiada no roupão de Gerry e com os seus chinelos cor-de-rosa favoritos, à «diva da disco» que Gerry lhe comprara no Natal anterior. Ela era a sua diva da disco costumava ele dizer. Sempre a primeira na pista de dança, sempre a última a sair da discoteca. Vendo bem, onde estava essa rapariga agora? Abriu o frigorífico e ficou a olhar para as prateleiras vazias. Só legumes e iogurtes com a data de validade há muito caducada, deitando um cheiro horrível. Não tinha nada para comer. Sorriu ao mesmo tempo que abanava a embalagem do leite. Estava vazia. A terceira na lista...

Dois anos antes, no Natal, Holly tinha ido às compras com Sharon; procurava um vestido para o baile anual a que iam no Burlington Hotel. Ir às compras com Sharon era sempre uma saída perigosa e John e Gerry brincavam em como eles iriam de novo penar durante o Natal, arriscando-se a ficar sem quaisquer prendas em resultado das extravagâncias das raparigas. E, na verdade, não estavam muito enganados. Pobres maridos negligenciados, chamavam-lhes sempre as raparigas.

Naquele Natal, Holly tinha gasto uma enorme quantidade de dinheiro no Brown Thomas com o vestido branco mais lindo que algum dia vira.

— Merda, Sharon, isto vai fazer-me um rombo na algibeira — confessou uma Holly culpabilizada, a morder o lábio e a passar os dedos sobre o tecido macio.

— Aah, não te preocupes, o Gerry pode remendá-lo — respondeu Sharon, soltando em seguida a sua gargalhada infame. — E, já agora, deixa de dizer merda, Sharon, de cada vez que vamos às compras dirige-te a mim dessa maneira. Se não tiveres cuidado, posso começar a ofender-me. Compra essa porcaria, Holly. É Natal, caramba, a época de dádiva e essas coisas todas.

— Bolas, és tão má, Sharon. Nunca mais vou às compras contigo. Isto custa quase metade de um mês do meu ordenado. O que é que vou fazer durante o resto do mês?

— Holly, preferes comer ou ficar com um aspecto fabuloso?

— Eu levo-o — disse Holly à vendedora sem esconder a excitação.

O vestido era muito decotado, o que ostentava perfeitamente os seios pequenos e elegantes de Holly, e tinha uma racha até à coxa, exibindo-lhe as pernas elegantes. Gerry não tinha sido capaz de tirar os olhos dela. Mas não era por ela estar tão bonita, só não conseguia compreender porque raio é que aquela pequena tira de tecido tinha custado tão caro. Porém, assim que chegou ao baile, a Senhora Diva da Disco mais uma vez se deixou levar e exagerou nas bebidas alcoólicas e conseguiu dar cabo do vestido entornando um copo de vinho tinto por si abaixo. Holly tentou, mas não conseguiu sustar as lágrimas, enquanto os homens à mesa, meio perdidos de bêbados, informavam as suas companheiras de que o número cinquenta e quatro da lista proibía que se bebesse vinho tinto quando se usava um vestido branco muito caro. Foi então decidido que leite era a opção preferida, dado que não se daria por ele em vestidos brancos que tivessem custado os olhos da cara.

Mais tarde, quando Gerry deu um encontrão no copo de cerveja e o entornou, fazendo com que pingasse da borda da mesa para o colo de Holly, ela, lacrimosamente, embora muito a sério, anunciou à mesa (e a algumas das mesas mais próximas):

— Regra cinquenta e cinco da lista: NUNCA BAIS comprar um vestido branco caro. — E todos concordaram, e Sharon acordou do seu coma, algures debaixo da mesa, para a aplaudir e oferecer apoio moral. E assim beberam (depois de o criado surpreendido ter fornecido uma bandeja cheia de copos de leite) em honra de Holly e da sua condição de profunda viciada na lista.

— Lamento o que aconteceu ao teu vestido tão caro, Holly — disse-lhe John entre soluços antes de cair para fora do táxi e arrastar Sharon para dentro da casa deles.

Teria sido possível que Gerry tivesse mantido a sua palavra e lhe tivesse escrito uma lista antes de morrer? Ela passara com ele todos os minutos de todos os dias antes de ele morrer e ele nunca sequer a mencionara, nem sequer ela vira qualquer indicação de ele a ter escrito. Não, Holly, controla-te e não sejas estúpida. Desesperadamente, ela queria-o tanto de volta que estava a imaginar toda a espécie de coisas idiotas. Mas ele não a teria escrito, ou teria?

CAPÍTULO TRÊS

Holly atravessava um campo inteiro cheio de lírios-tigrinos. O vento soprava suavemente levando a que as pétalas de seda lhe fizessem cócegas nos dedos, enquanto ela abria caminho por entre as altas hastes de erva verde brilhante. O chão estava muito macio e irregular debaixo dos pés nus, e sentia o corpo tão leve que lhe parecia quase flutuar mesmo à superfície da terra esponjosa. Em torno de si os pássaros assobiavam as suas alegres árias enquanto iam à sua vida. O Sol brilhava tanto no céu sem nuvens que ela tinha de proteger os olhos, e a cada lufada de vento que lhe tocava a cara o cheiro doce dos lírios enchia-lhe as narinas. Sentia-se tão... feliz, tão livre.

Subitamente o céu escureceu, enquanto o Sol das Caraíbas desaparecia por detrás de uma ameaçadora nuvem cinzenta. O vento aumentou e o ar tornou-se frio e gelado. À volta dela as pétalas dos lírios corriam pelo ar selvaticamente, desfocando-lhe a visão. O chão dantes esponjoso era substituído por pedras de cascalho afiadas que lhe cortavam os pés e os arranhavam a cada passo. Os pássaros tinham deixado de cantar e, em vez disso, dependuravam-se dos ramos a olhar fixamente para ela. Alguma coisa estava errada e sentiu medo. Diante de si, à distância, uma pedra cinzenta tornara-se visível entre a erva. Ela queria correr para trás, de volta às suas belas flores, mas precisava de descobrir o que tinha pela frente.

À medida que se aproximava ouviu PUM! PUM! PUM! Acelerou o passo e correu por cima das pedras agudas, afastando as extremidades

pontiagudas da erva que lhe picavam os braços e as pernas. Caiu de joelhos diante da laje cinzenta e deixou sair um grito de dor quando se apercebeu do que era. A sepultura de Gerry. PUM! PUM! PUM! Ele estava a tentar sair! Chamava pelo seu nome. Ela conseguia ouvi-lo!

Holly saiu bruscamente do sono com alguém a bater à porta com força.

— Holly! Holly! Sei que estás aí! Por favor deixa-me entrar!

— PUM! PUM! PUM! Holly, confusa e meio a dormir, fez ensonadamente o caminho até à porta para se deparar com uma Sharon de ar histérico.

— Meu Deus, o que é que estavas a fazer? Há horas que estou a bater à porta.

Holly, ainda não completamente acordada, olhou à sua volta lá para fora. Estava luz e um pouco frio, devia ser de manhã.

— Então, não me vais deixar entrar?

— Sim, Sharon, desculpa, estava a dormir no sofá.

— Meu Deus, tens um ar horrível, Hol — disse Sharon, observando-lhe a cara e depois dando-lhe um grande abraço.

— Uau, obrigada. — Holly revirou os olhos e virou-se para fechar a porta. Sharon nunca fora de grandes diplomacias, mas era por isso que gostava tanto dela, por causa da sua honestidade. Fora também por isso que não a fora visitar durante o último mês. Não queria ouvir a verdade. Não queria ouvir que tinha de continuar com a sua vida, ela só queria... oh, não sabia o que queria. Sentia-se bem com a sua infelicidade. De alguma maneira sentia que era assim que estava certo.

— Meu Deus, isto aqui está tão abafado, quando foi a última vez que abriste uma janela? — Sharon marchou à volta da casa a abrir janelas e apanhar copos vazios e pratos com comida estragada. Levou-os para a cozinha, colocou tudo dentro da máquina de lavar louça e depois continuou a arrumar.

— Oh, não tens que fazer isso, Sharon — protestou Holly em voz baixa. — Eu faço...

— Quando? No ano que vem? Não quero que vivas numa barraca enquanto o resto de nós finge que não dá por isso. Porque é que não vais lá acima e tomas um duche e depois bebemos uma chávena de chá quando desceres? — Ao dizer aquilo, a amiga sorria-lhe.

Um duche. Quando fora a última vez que ela sequer se lavara? Sharon tinha razão, devia ter um aspecto nojento com o cabelo oleoso, com raízes escuras, vestida com um roupão sujo. O roupão de

Gerry. Mas isso era uma coisa que ela tencionava nunca lavar. Queria-o exactamente como Gerry o tinha deixado. Infelizmente o cheiro dele estava a começar a desaparecer e, em vez disso, a ser substituído pelo inconfundível fedor do seu odor corporal.

— Está bem, mas não há leite. Eu não tenho saído para... — Holly sentiu-se embaraçada pela sua falta de cuidado com a casa e consigo própria. Além disso, de maneira nenhuma iria deixar Sharon olhar para dentro daquele frigorífico, ou definitivamente ela mandava-a internar.

— Tcham, tcham! — cantarolou Sharon, segurando alto um saco que Holly não reparara que ela trazia. — Não te preocupes, tratei de tudo. Pela tua cara não deves comer há semanas.

— Obrigada, Sharon. — Um nó formou-se-lhe na garganta e lágrimas inundaram-lhe os olhos. A amiga estava a ser tão boa para ela.

— Calma aí! Não quero cá lágrimas hoje! Só paródia e riso e felicidade geral, minha cara. Agora para o chuveiro, depressa!

Holly sentiu-se quase humana quando desceu as escadas depois do duche. Vestia um fato de treino de licra azul e deixara que o seu longo cabelo louro (e castanho nas raízes) lhe caísse pelos ombros. Todas as janelas do andar de baixo estavam escancaradas e a brisa fresca correu e agitou-lhe os cabelos, e ela sentiu-a como se estivesse a eliminar todos os seus maus pensamentos e os seus medos. Riu da ironia. Apesar de tudo, a sua mãe tinha razão. Holly acordou do transe e engoliu em seco quando olhou à volta da casa. Não devia ter demorado mais que meia hora, mas o certo é que Sharon tinha arrumado e limpadado tudo, aspirado e sacudido as almofadas, lavado e deitado desodorizantes do ar em todas as divisões. Seguiu o barulho até à cozinha onde Sharon se entretinha a esfregar os bicos do fogão. As bancadas reluziam, as torneiras de metal e o escorredouro na zona do lava-loiça estavam brilhantes.

— Sharon és um verdadeiro anjo! Nem consigo acreditar que tenhas feito isto tudo! E em tão pouco tempo!

— Hã, estiveste lá em cima mais de uma hora, já estava a ver se tinhas ido pelo ralo. Não era difícil, magra como estás. — A outra olhou Holly de alto a baixo. Uma hora? Pelos vistos, o sonhar acordada tomara-lhe de novo conta da mente.

— Muito bem, comprei alguns legumes e fruta, há queijo e iogurtes ali e, é claro, leite. Não sei onde guardas as massas e a comida enlatada, por isso guardei tudo ali em cima. Ah, e no conge-

lador pus algumas refeições para aquecer no microondas. Dá para agora, mas pelo teu ar vão durar-te até ao fim do ano. Quantos quilos perdeste?

Holly olhou para ela com surpresa. Mas o que era aquilo do peso? Olhou para baixo, para o seu corpo, o fato de ginástica fazia bolsas no rabo, o cós elástico estava apertado ao máximo e, no entanto, ainda lhe caía pelas ancas. Nem sequer tinha dado pela perda de peso. Foi trazida à realidade de novo pela voz de Sharon:

— Estão aqui umas bolachas para comeres com o teu chá. Com geleia de framboesa, as tuas preferidas.

Foi a gota de água. Tudo aquilo era de mais para Holly. As bolachas tinham sido a cerejinha no topo do bolo. Sentiu as lágrimas começarem a correr-lhe pela face.

— Oh, Sharon — gemeu ela —, muito obrigada. Tens sido tão boa para mim e eu tenho sido um estupor de uma amiga. — Sentou-se à mesa e pegou na mão de Sharon. — Não sei o que faria sem ti. — Ficou ali sentada à mesa a chorar, enquanto Sharon se sentava no lugar em frente em silêncio, deixando que ela continuasse. Aquilo era o que Holly temia, descontrolar-se diante das pessoas por tudo e por nada. Mas não se sentia embaraçada. Sharon estava pacientemente a bebericar o chá e a segurar-lhe na mão como se fosse normal. Por fim, as lágrimas pararam de correr.

— Obrigada.

— Sou a tua melhor amiga, Hol! Se eu não te ajudar, então quem te ajudará? — disse Sharon apertando-lhe a mão e lançando-lhe um sorriso encorajador.

— Acho que devia era estar a ajudar-me a mim própria.

— Ora! — lançou Sharon, acenando ligeiramente com a mão. — Quando estiveres pronta. Não te preocupes com toda a gente que te diz que devias regressar ao normal num mês. Fazer o luto, de qualquer maneira, faz parte da ajuda a ti própria.

Ela dizia sempre as coisas certas.

— Sim, bem, tenho andado a fazer mesmo muito disso. Estou esgotada de tanto luto.

— Não podes estar! — disse Sharon a fingir-se chocada. — E apenas um mês depois de o teu marido estar frio na tumba.

— Oh, pára com isso! Vou ouvir muitas coisas dessas da parte das pessoas, não vou?

— Provavelmente, mas que se lixem. Há coisas piores no mundo do que aprender a ser feliz outra vez.

- Calculo que sim.
- Promete-me que vais comer.
- Prometo.

— Muito obrigada por teres aparecido, Sharon, gostei mesmo muito da conversa — disse Holly com gratidão, abraçando a amiga. — Já me sinto bastante melhor.

— Sabes, faz bem ver pessoas, Hol. Os amigos e a família podem ajudar-te. Bom, pensando melhor, talvez a tua família não, mas pelo menos o resto de nós pode.

— Oh, eu sei, percebo isso agora. Eu achava que conseguia aguentar sozinha... mas não consigo.

— Promete que vais fazer visitas. Ou, pelo menos, sair de casa uma vez por outra?

— Prometo. — Holly revirou os olhos. — Estás a começar a ficar parecida com a minha mãe.

— Olha, a verdade é que estamos todos preocupados contigo. Bom, vemo-nos em breve — disse Sharon beijando-a na cara. — E VÊ SE COMES! — disse, espetando-lhe um dedo nas costelas.

Holly acenou com a mão em jeito de despedida até ela chegar ao carro, com um sorriso na cara. Estava quase escuro outra vez. Tinham passado o dia a rir e a dizer piadas sobre os velhos tempos, o choro seguido de mais algum riso e depois mais lágrimas outra vez. Holly nem sequer tinha pensado no facto de Sharon e John também terem perdido o seu melhor amigo, e de os pais dela terem perdido o genro, tendo andado apenas preocupada a pensar em si própria. Tinha sido bom para si obter uma perspectiva diferente e gostara da companhia. Estava a dar-lhe prazer estar junto dos vivos novamente em vez de andar por ali a sofrer com os fantasmas do seu passado. Amanhã era um novo dia, e ela tencionava começá-lo indo buscar o tal sobrescrito.